

Arquivos literários — a vanguarda ativando os meios de conservação

Marília Rothier Cardoso¹

Aline Leal Fernandes Barbosa²

Resumo

Na esteira das reflexões sobre o centenário da Semana de Arte Moderna, observam-se algumas das principais instituições de guarda de arquivos da literatura brasileira e aponta-se, na iniciativa de sistematizar a conservação de documentos literários, o papel destacado dos líderes do movimento de 1922. Considerando que a noção de patrimônio histórico e artístico tanto quanto a gestão dos bens preservados resultam de ações de modernização material e intelectual das sociedades, traçou-se um percurso pelo IEB-USP, AMLB-FCRB, CEDAE-UNICAMP e AEM-CEL-UFGM³, cujo momento de abertura correspondeu à recepção de acervos de modernistas, tendo contado com o apoio indispensável dos herdeiros do legado da Semana. Esta visita panorâmica à história da preservação de acervos literários, realizada predominantemente em universidades públicas, tem o propósito de contribuir para a revisão crítica da memória recente como reforço à articulação entre as tarefas de conservar, transformar e inventar.

Palavras-chave: Modernismo. Arquivo. Instituições de guarda. Modos de conservação.

Abstract

This paper is the result of a participative research that aimed at In the wake of reflections on the centenary of the Week of Modern Art, some of the main archive institutions of Brazilian literature are observed and the outstanding role of the leaders of the 1922 movement is pointed out. Considering that the notion of historical and artistic heritage as well as the management of preserved documents result from actions of material and intellectual modernization of societies, a route was traced through IEB-USP, AMLB-FCRB, CEDAE-UNICAMP and AEM-CEL-UFGM. The opening moment of these institutions corresponded to the reception of modernist collections, having had the indispensable support of the heirs of the Week's legacy. This panoramic visit to the history of preservation of literary collections aims to contribute to the critical review of recent memory as a reinforcement of the articulation between the tasks of conserving, transforming and inventing.

Keywords: Modernism. Archive. Institutions of custody. Modes of conservation.

-
- 1 Mestra e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora associada na mesma instituição. E-mail: mariliarothier@gmail.com.
 - 2 Bolsista PNPd/CAPES na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com o projeto "Dez Mil Sóis: As Marginálias da Biblioteca da Casa do Sol". Mestra e doutora na mesma instituição. Autora do livro *Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Bataille* (PUC-Rio/Azougue). E-mail: alinelbarbosa@gmail.com.
 - 3 Essas siglas, indicadoras de instituições de guarda e conservação de arquivos literários, serão referidas, na introdução do artigo, aos nomes, por extenso, das respectivas instituições. Entre as mesmas, apenas o AMLB integra uma fundação do governo federal ligada ao Ministério da Cultura, as demais fazem parte de universidades públicas.

No contexto das investigações em arquivos de escritores, evidencia-se a importância decisiva dos registros do processo de construção das escritas artísticas tanto para a crítica e a historiografia literárias quanto para a atividade comparativista. Com base nesta orientação, o momento atual — em que as atenções se concentram na releitura do modernismo, por ocasião de seu centenário em 2022 — mostra-se oportuno para uma observação panorâmica dos acervos de escritores brasileiros. Estão guardadas, aí, fontes preciosas para se reavaliar, de um lado, se o legado do movimento ainda guarda sua potência e, de outro, que exigências confrontam a produção atual. Considerando-se a própria história da formação e do tratamento sistemáticos de acervos literários, fica patente sua interdependência das iniciativas de institucionalização do patrimônio artístico nacional, através das gestões e do conhecimento acumulado por participantes da vanguarda que, décadas depois, lideraram ou incentivaram o estabelecimento de arquivos de escritores em universidades e centros de pesquisa.

Estudos sobre o patrimônio cultural dos povos do ocidente sustentam que eventos de transformação modernizadora, na virada do século XVIII para o século XIX — a Revolução Francesa, a industrialização com o consequente inchaço urbano —, indicaram a necessidade de preservar monumentos das ondas de destruição por razões políticas, econômicas e higiênicas. No Brasil do início do século XX, as reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro, então capital, não levantaram preocupações com a manutenção do patrimônio dos séculos anteriores. Somente a tendência nacionalista dos desdobramentos da Semana de 1922 e os planos do governo “revolucionário”, que ascendeu em 1930 e concentrou boa parte dos intelectuais modernistas no Ministério da Educação e Saúde, foi que criaram, em 1936, o chamado Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Importante lembrar a provável interferência de Carlos Drummond de Andrade, destacado integrante da segunda geração de modernistas, que chefiava, à época, o gabinete do ministro Gustavo Capanema, na solicitação a Mário de Andrade (mestre de poesia do jovem Carlos) do “Anteprojeto de Criação do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional”. Posto em prática, com as inevitáveis adaptações e limites, esse projeto determinou, sob a direção longeva de Rodrigo Mello Franco de Andrade — ligado aos integrantes da vanguarda artística — a constituição de comissões nos estados para imediato tombamento de monumentos da arte colonial, especialmente conjuntos da arte barroca, como o caso da cidade de Ouro Preto.

Se, nas décadas seguintes, o SPHAN⁴ ocupou-se de arquitetura e artes plásticas, com a participação ativa dos poetas e ensaístas, envolvidos com a história e a crítica de arte, a partir dos anos 1960, vários deles estiveram à frente da constituição dos acervos de literatura. Registre-se o nome do historiador Sérgio Buarque de Holanda, (participante do modernismo, colaborador e representante da revista

4 SPHAN é a sigla do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

*Klaxon*⁵) que criou, em 1962, e foi seu primeiro diretor, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP) — instituição que recebeu, em 1968, o arquivo documental, a biblioteca e a coleção de arte de Mário de Andrade; em seguida, cabe lembrar Carlos Drummond de Andrade, incentivador e divulgador, em sua coluna de crônicas do *Jornal do Brasil*, do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação-Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB), em 1972; depois, é a vez de Oswald de Andrade, cujo acervo, ao lado do de Alexandre Eulálio, professor da casa, foi responsável pela instalação do Centro de Documentação Alexandre Eulálio, ligado ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (CEDAE-IEL-UNICAMP) (1984); assinala-se, ainda, Murilo Mendes, integrante também da segunda geração, que, ao doar sua biblioteca para a Universidade Federal de Juiz de Fora (1978), foi responsável pela posterior organização (2005), nessa universidade, do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, que abriga também sua coleção de arte; por fim, mas não menos destacável, vem Henriqueta Lisboa, outra correspondente assídua de Mário de Andrade, cujo arquivo, doado pela família, determinou a criação do Acervo de Escritores Mineiros na Faculdade de Letras da UFMG (AEM-CEL-UFMG), em 1989.

O desdobramento das observações sobre a contribuição das instituições arquivísticas mencionadas para as pesquisas sobre o tema que a ocasião sugere — a análise crítica do processo de construção da escrita modernista enquanto referência inescapável para o panorama atual — precisa considerar três elementos: os acervos são formados predominantemente de documentos recolhidos na terceira década do século XX⁶ e nas seguintes; apenas parte do material incorporado recebeu o tratamento especializado completo; as políticas de ampliação do acervo e dos instrumentos de investigação têm sido intermitentes nas instituições públicas. No entanto, os técnicos e pesquisadores, envolvidos com este trabalho, têm conseguido superar dificuldades e ampliar, tanto quanto possível, as bases de dados que tornam acessíveis para a consulta de estudantes, professores, teóricos e críticos.

A história da formação das instituições de guarda brasileiras confunde-se com a dos modos de conservação dos escritores modernistas e dos que os sucederam e da compra, doação e tratamento de seus acervos. Como se verá, tal tarefa coube, em especial, às universidades públicas. Quando um centro de pesquisa, como a

5 *Klaxon* foi a primeira revista modernista do Brasil, lançada em São Paulo no mesmo ano (1922) de realização da Semana de Arte Moderna. De seu comitê de redação, participaram os modernistas Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida. Audaciosa, irreverente e criativa, recebeu diagramação especialmente inovadora, contando com ilustrações de Brecheret e Di Cavalcanti. Apresentou poesia da vanguarda europeia, em suas línguas originais, ao lado da nova poesia nacional. Circulou até 1923.

6 Como, antes do modernismo, havia pouca preocupação em conservar registros do trabalho do escritor, os dossiês mais amplos e significativos datam deste período e subsequentes; há raras coleções de documentos de data anterior nos arquivos especializados; até as primeiras décadas do século XX, a Biblioteca Nacional e a Academia Brasileira de Letras receberam documentos esparsos e alguns poucos arquivos como os de Lima Barreto, Euclides da Cunha e Machado de Assis, sem estarem voltadas à gestão sistemática oferecida pelas instituições especializadas, abertas a partir dos anos 1960.

Fundação-Casa de Rui Barbosa, formou e mantém acervos, busca intercâmbio estreito com os grupos acadêmicos de investigação, através de diferentes tipos de parceria. Considerando-se que tais acervos se constituem a partir da transferência de documentos privados para o espaço público, pretendemos apresentar, a seguir, quatro das principais instituições de guarda de arquivos em universidades ou centros de pesquisa do país no modo correspondente a uma visita panorâmica, a partir da história de alguns de seus personagens.

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)

Mário de Andrade, poeta-crítico, professor de piano, estética e história da música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, foi, sem dúvida, o integrante do modernismo cuja produção investigativa e artística melhor abarcou tanto os registros documentais da construção da literatura de vanguarda quanto o repertório de performances populares tradicionais. As viagens de pesquisa de Mário pelo interior de São Paulo e pelo Norte e Nordeste do país, bem como seu trabalho produtivo como diretor do Departamento de Cultura, tornaram seu arquivo pessoal a amostra mais rica do movimento renovador e preservacionista. Oneida Alvarenga, sua aluna e, depois, colaboradora no Departamento de Cultura, descreveu — no livro *Mário de Andrade, um pouco* (1974) — o empenho de discípulos e amigos em manter a integridade da ampla documentação e coleção de obras de arte, garantindo a conservação desse acervo de modo a disponibilizá-lo, por completo, à consulta pública. As discussões e gestões, começadas em 1945, quando da morte do escritor, só chegaram a bom termo em 1968, quando, finalmente, todo o conjunto documental, bibliográfico e artístico foi transferido para o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, fundado havia seis anos e preparado para tratar e conservar o material precioso.

Planejado por Sérgio Buarque de Holanda, o IEB organizou-se como um “centro interdisciplinar de pesquisa e documentação sobre a história e a cultura do país”⁷. Constituiu-se de Arquivo (documentos textuais e audiovisuais), Biblioteca (publicações) e Coleção de Artes Visuais (objetos e obras de arte), conforme se lê no *ABC do IEB* (1997). Vem recebendo e adquirindo papéis, livros e objetos de historiadores, cientistas sociais, geógrafos, educadores, escritores, músicos e artistas plásticos. O legado de Mário de Andrade divide-se nas três seções. No arquivo, encontram-se documentos ordenados em séries — manuscritos correspondentes à criação literária em prosa e poesia, anotações e rascunhos voltados para a atividade crítica; a ampla correspondência com contemporâneos e jovens; referências a várias funções exercidas pelo titular (Diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo), professor de piano e teorias da arte, fotógrafo amador, pesquisador de folclore.

Numa visita rápida aos acervos conservados pelo IEB, cabe um destaque ao material que compõe os mencionados três conjuntos (arquivo, biblioteca e coleção de arte) correspondentes ao legado de Mário de Andrade, dirigido, durante anos, pela professora e geneticista Telê Porto Ancona Lopez. Ao longo do tratamento

7 USP. IEB. **ABC do IEB**: guia geral do acervo. Org. Marta Rossetti Batista. São Paulo: Ed. USP, 1997, p. 13.

técnico dos documentos — tratamento indispensável à abertura dos mesmos para consulta pública —, foram sendo desenvolvidas investigações, cobrindo os muitos enfoques possíveis dos registros da trajetória criativa e crítica do titular. Como exemplo, cite-se a análise da marginália do exemplar de *Von Roraima zum Orinoco* de Koch Grünberg, constante da biblioteca do escritor, objetivando resgatar a importância da leitura desta obra para a construção da rapsódia *Macunaíma* (1928), tarefa decisiva, já apontada por Cavalcanti Proença, em seu *Roteiro de Macunaíma*, que foi realizada por Ancona Lopez e publicada, em 1974, com o título *Macunaíma: a margem e o texto*. Devemos a ela também a coordenação da edição crítica (1988) desse livro emblemático, integrante da coleção Arquivos, patrocinada pela UNESCO, e a edição genética e crítica dos manuscritos inéditos de *Balança, Trombeta e Battleship — ou o descobrimento da alma* (1994), além da reedição requintada de *O turista aprendiz*, feita pelo Iphan, em 2015, a partir da apuração de texto (de manuscritos e de crônicas enviadas ao *Diário Nacional*, por ocasião de suas viagens à Amazônia, em 1927, e pelo Nordeste, em 1928–1929) e pesquisa documental, levadas a cabo por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. O maior volume de publicações sugeridas pelo Arquivo Mário de Andrade, no entanto, é da correspondência deste, que se dizia acometido por “gigantismo epistolar”.

Quando da transferência para o IEB, em 1968, os volumes contendo a correspondência passiva indicavam que os papéis, ali contidos, só poderiam ser divulgados 50 anos após a morte do escritor, em 1945, o que foi rigorosamente cumprido pela instituição. Muito antes de 1995, no entanto, grande parte dos destinatários das cartas — a exemplo de Manuel Bandeira, possivelmente o mais destacado de todos pelo volume da troca epistolar —, já tinham tomado a iniciativa de levar a público as especulações teóricas e críticas contidas nas cartas do mestre, na sua escrita peculiar, ao mesmo tempo, informal e erudita, cheia de invenções sintáticas e vocabulares. Desse grupo de publicações, que inclui, entre muitos outros, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Alphonsus de Guimaraens Filho, apenas a discípula e colaboradora Oneida Alvarenga guardou cópia de suas respostas e editou a correspondência completa. A partir da data estipulada pelo titular, uma equipe de professores, indicada pelo IEB, encarregou-se de orientar estudiosos na edição dos volumes, contendo a conversa — longa e frequente — entre Mário e seus numerosos amigos e discípulos. Inaugurou essa coleção em andamento, o volume, organizado por Marcos Antônio de Moraes, professor da instituição, que, finalmente, reuniu os envios de Mário e de Bandeira (2000). Em paralelo com a coleção do IEB, menciona-se o belo livro, *Carlos e Mário* (2002), com organização e iconografia caprichadas sob a responsabilidade de Lélia Coelho Frota, que a editora Bem-te-vi publicou, tendo Silviano Santiago como organizador e autor das notas e do ensaio “Suas cartas, nossas cartas”, que lhe serve de prefácio, para enfatizar os protocolos de leitura de correspondência que, por sua importância literária e política, justifica a intromissão de olhares alheios.

Para ampliar mais um pouco o conhecimento do trabalho com os documentos de criação literária realizado no IEB, observe-se uma fatia instigante do arquivo de Guimarães Rosa, adquirido da família em 1973. Contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Murilo Mendes, Guimarães Rosa comporia uma segunda geração modernista. Embora, em diferença com seus companheiros de

geração, o autor de *Sagarana* não tenha feito vida literária, na juventude, com o grupo que fundou *A revista*, nem tenha, como a maioria, se correspondido com Mário de Andrade, é evidente que a pesquisa de campo desenvolvida por este mestre e os experimentos linguísticos, que marcaram boa parte dos manifestos e obras dos integrantes da primeira geração, foram antecedentes decisivos na construção da escrita rosiana. Assim, o lugar de destaque de seu acervo no IEB reforça o nexo — potente em seu estatuto contraditório — entre os impulsos de inovação e conservação, ruptura e apego às formas sobreviventes.

São abundantes, no arquivo de Guimarães Rosa, os grupos de documentos identificados como “estudos para a obra”; são cadernetas de campo e cadernos de gabinete, além das resmas de folhas datilografadas com transcrições de leitura e cópias datilografadas de anotações manuscritas. A viagem mais famosa do escritor — viagem da Fazenda Sirga à Fazenda São Francisco, dez dias a cavalo, acompanhando uma boiada, ao lado dos vaqueiros — acha-se conservada, em detalhes, numa caderneta, que ainda guarda, amarrada à espiral da lombada, a cordinha onde ficava preso o lápis usado para as anotações, tomadas a cada instante do percurso. Esta é a única que resta das várias que devem ter sido usadas, penduradas ao pescoço para não atrapalhar o cavaleiro. Corresponde à parte final da excursão (“27-V-1952 a 28-V-1952” conforme ficou registrado). No verso da última página, resume o percurso, com indicação do dia e dos respectivos pontos de saída e chegada. As demais cadernetas, descartadas ou perdidas, foram inteiramente transcritas à máquina em folhas soltas e, sob o título “A boiada”, receberam grifos, traços e anotações, manuscritos em cores diferentes, certamente à medida que iam servindo à construção de estórias. Além das datas, as notas são precedidas pelo horário: “8 hs. 10’ – Cantam periquitos: e a fogo-apagou e os pássaros-pretos”. Predominam as observações sobre bichos e plantas; a conversa dos vaqueiros, grafada com vocabulário e sintaxe característicos, revela seu alto conhecimento da natureza. Provérbios locais e tiradas de humor inscrevem-se com cuidado: “(Do Seu Joãozinho – o negociante do Rio de Janeiro): // --‘O Senhor sabe que pão ou pães / é questão de opiniões.’ Comprovando a técnica de compor a linguagem das narrativas através da montagem artística das falas captadas pela atenção perspicaz, vai-se encontrar a frase de Seu Joãozinho na abertura de *Grande sertão: veredas*, onde se lê: “Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...(sic) O sertão está em toda parte.”⁸

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB – FCRB)

Se Mário de Andrade, estudioso sério e organizado da arte moderna, pesquisador de manifestações da cultura popular, entusiasta da formação de fichários e bibliotecas, é um destaque indiscutível para exemplificar o desempenho do IEB como instituição de guarda e pesquisa de nossa cultura, Carlos Drummond de Andrade, metucioso organizador de documentos e recortes de rodapés críticos, foi o grande divulgador da segunda iniciativa governamental de arquivamento da

8 ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

construção da literatura brasileira. A iniciativa de Plínio Doyle, junto à Fundação-Casa de Rui Barbosa, teve sucesso rápido e seguro graças ao empenho do poeta. O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira inaugurou-se a 28 de dezembro de 1972, instalado, ainda precariamente, “no sobrado da velha mansão”. É assim que Eliane Vasconcellos trata os primeiros tempos da seção, que ela veio a dirigir nas últimas décadas do século XX e início do século atual. Podemos ler, em sua avaliação rememorativa: “A ideia nasceu no Sabadoyle, conversas de sábado que alguns escritores, amigos de Plínio Doyle, costumavam ter na biblioteca deste, em Ipanema.” Em pouco tempo, sob a primeira direção do próprio Doyle, “o ‘arquivo-museu menino’ começou a ganhar credibilidade, cresceu e firmou-se como um centro sério e respeitável com o seu trabalho reconhecido, no Brasil e no exterior.”⁹ Pouco a pouco, foi ganhando mais espaço físico e se instalando de modo conveniente, à medida que também aprimorava o tratamento técnico dos acervos e documentos avulsos que ia recebendo. “Para facilitar o acesso às informações e o atendimento ao pesquisador, o AMLB em 1986 iniciou um processo de aprimoramento de seus serviços, elaborando inventários.”¹⁰ Tais inventários, inicialmente impressos como livros cujo título é o nome do titular do acervo, apresentavam os documentos classificados nas seguintes séries: Correspondência (pessoal, familiar e de terceiros); Produção intelectual do titular e de terceiros e Documentos pessoais; Diversos; Documentos complementares; Produção na imprensa e Iconografia. Desde 1994, o AMLB tem funcionado em sistema de automação; seu banco de dados é acessível a curiosos e pesquisadores pela internet.

Algumas coleções documentais foram doadas junto com parte da biblioteca de seus titulares. No entanto, como o AMLB não dispõe de sala para a guarda desses apêndices bibliográficos dos arquivos literários, os livros doados, devidamente listados e classificados, foram incorporados à biblioteca central da Fundação. O pesquisador pode consultar esses levantamentos e ter acesso às leituras (e eventuais anotações) dos escritores proprietários desses livros. Há também, junto aos arquivos, uma pequena coleção de peças museográficas. Vasconcellos informa o conteúdo da mesma: móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, peças de indumentária, esculturas, pinturas, caixas de música e outras peças diversas. Dentre esses itens, os mais admirados pelos visitantes e pesquisadores são as caixas de música que pertenceram a Cornélio Penna e os quadros pintados por Clarice Lispector. Alguns desses quadros, ainda conforme Vasconcellos, são referidos e comentados em romances da escritora, assim como as caixas de música fazem parte do enredo da ficção de Cornélio.

Além do tratamento da documentação necessário a prepará-la para a pesquisa, as instituições arquivísticas, aqui apresentadas, desenvolvem atividades de apoio às investigações sobre os processos de construção literária e, ainda, seus integrantes, eles próprios, atuam como pesquisadores. Um contraponto entre as iniciativas do IEB e as do AMLB exige que se distinga a estrutura de funcionamento dessas

9 VASCONCELLOS, E. Patrimônio literário: formação, preservação e pesquisa. In: VASCONCELLOS, E. & SANTOS, M. dos (org.). **Arquivo, manuscrito e pesquisa**. Rio de Janeiro: Fundação-Casa de Rui Barbosa, 2014, p. 85.

10 Ibidem.

instituições. Enquanto o IEB, inserido em uma universidade, desenvolve cursos e pesquisas nesta área, o AMLB, setor de um museu-casa, alia-se a outro setor, no caso, o de Filologia, onde trabalham ou trabalharam especialistas em teoria e crítica literária, Flora Sússekind, Júlio Castañon Guimarães, Rachel Teixeira Valença, Vera Lins, Tânia Dias, entre outros. Sendo assim, o Arquivo realizou muitas exposições de seu acervo e promoveu pequenos seminários específicos, voltados à discussão sobre tarefas arquivísticas ou apresentação de novos acervos recebidos. Os grandes seminários de debate crítico sobre temáticas escolhidas para pesquisas foram organizados pelos dois setores em conjunto. Desses debates sobre resultados de trabalho investigativo foram publicados volumes muito importantes como *Sobre o pré-modernismo*, edição da própria FCRB, em 1988, *A crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, publicado, em 1992, pela Editora da Unicamp e a FCRB, e *A historiografia literária e as técnicas de escrita; do manuscrito ao hipertexto*, organizado por Flora Sússekind e Tânia Dias e publicado pela editora Vieira & Lent e pela FCRB em 2004.

Importante notar que, tendo Carlos Drummond de Andrade — certamente o mais destacado integrante da segunda geração de modernistas — como o incentivador principal de sua institucionalização, o AMLB atraiu os escritores ligados ao movimento modernista, vivendo no Rio de Janeiro, que se apressaram na entrega de seus arquivos à guarda do setor. O próprio Drummond dirigiu seus papéis, guardados com tanto esmero, ao novo arquivo-museu, em 1974 (em diversas etapas), e deve ter estimulado Pedro Nava a doar suas anotações, desenhos, manuscritos e material de pesquisa, também ainda em vida (1985). A correspondência, os rascunhos e os cadernos de Manuel Bandeira também estão no AMLB, junto com o material de escritores das gerações seguintes à vanguarda: Lúcio Cardoso, Vinícius de Moraes, Ribeiro Couto, João Cabral de Melo Neto. Entre muitos outros, encontramos, ali, documentos privados dos críticos Augusto Meyer, Thiers Martins Moreira, Wilson Martins.

Como amostra interessante do modo de produção de uma obra, vale descrever, rapidamente, os prototextos dos vários volumes das memórias de Pedro Nava. Note-se que, ao contrário de Guimarães Rosa — seu colega mais moço no curso de medicina da faculdade de Belo Horizonte —, o memorialista participou ativamente do grupo do Café Estrela¹¹, base da iniciativa de *A Revista*. O fichário e o “boneco”, correspondentes ao volume *Beira-mar*, testemunham a força das lembranças desses tempos bem como o cuidado na busca de confirmação de todos os detalhes definidores do cenário belorizontino e das personagens dos anos vinte — estudantes com ambições literárias que procuravam absorver as lições modernistas e divulgar os exercícios iniciais de integração no movimento.

É bem amplo o acervo de documentos herdados e preservados, produzidos e articulados para a construção da tarefa auto-imposta de registrar a memória de um médico iniciado nas artes de vanguarda, empenhado em combinar, depois da aposentadoria, o rigor da observação visando um diagnóstico preciso e a disponibilidade imaginativa do artista. Numa visita ao arquivo, constata-se que o texto

11 Cf. NAVA, P. *Beira-mar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 210.

rememorativo, resultante desse empenho, foi produzido em três etapas. Primeira: as “fichas” – papéis de todos os tipos e tamanhos com informações registradas ou coletadas a propósito das experiências do escritor em sua infância, juventude e maturidade, questionários respondidos por seus contemporâneos, documentos e recortes do final do século XIX e início do século XX pertencentes (ou referidos) aos companheiros de geração do memorialista. A segunda etapa — o “boneco”, correspondente à organização dos capítulos, que indica, por seus números, as fichas a serem usadas e traz muitos desenhos, mapas, plantas e colagens de recortes correspondentes aos temas e motivos a serem desenvolvidos. Aí, as notas das “fichas” transcrevem-se de modo condensado, elíptico, delineando a redação final de cada parte dos livros. A terceira etapa, por sua vez, corresponde ao datiloscrito dos capítulos redigidos e revisados com muitas substituições e acréscimos, inclusive de recortes e desenhos. A pesquisadora da Casa, Flora Süssekind, escreveu, sobre esta etapa, o ensaio “A página do lado”¹², pois Nava usava folhas de almanaque sem pauta, datilograva na página da esquerda, deixando a da direita para as substituições e adendos manuscritos e para as colagens. Seus rascunhos de pesquisador-ficcionista deviam encantá-lo tanto que transbordavam para o espaço do que deveria ser a versão definitiva.

Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE – IEL/Unicamp)

Alexandre Eulálio, em seus anos como professor da UNICAMP, idealizou, em 1984, a fundação de um Centro de Documentação Cultural¹³, concretizado com seu nome. Embora tenha posto sua renomada erudição a serviço de variados temas históricos e da literatura dos séculos XVIII e XIX, não deixou de abarcar a atividade modernista, como indica a constituição do Centro, que se iniciou a partir do seu próprio arquivo e o do escritor Oswald de Andrade, adquirido por meio de duas compras, em 1985 e 1999. Além disso, apesar de suas incansáveis investigações, registradas em artigos breves e ensaios consistentes para jornais, suplementos culturais e revistas especializadas, publicou um único livro, *A aventura brasileira de Blaise Cendrars* (1978) — narrativa do que se considera o primeiro episódio voltado para o abraço da renovação artístico-cultural, que passa a marcar a trajetória modernista daí por diante. Essa viagem foi empreendida em 1924 por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, D. Olívia Guedes Pentado e Gofredo Telles, para apresentar ao poeta suíço as cidades coloniais mineiras, durante os ritos da semana santa. Pode-se dizer que, primeiro pesquisador rigoroso dessa viagem de redescobrimto das marcas nacionais na tradição cultural, Eulálio se legitima como representante de uma terceira (ou quarta) geração modernista. Buscando afinidades eventuais entre os interesses artístico-críticos de Eulálio e de Oswald, encontramos uma coincidência interessante — a primeira

12 SÜSSEKIND, F. A página do lado. In: _____. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

13 Cf. “Biografia discreta”. In: EULÁLIO, A. **Livro involuntário** — literatura, história, matéria & memória. Org. Carlos Eugênio Calil e Maria Eugênia Boaventura. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993, p.323–329.

entrevista, rastreada e reproduzida pela Prof^a Maria Eugênia Boaventura, na coletânea de falas públicas oswaldianas, *Os dentes do dragão* (1990), foi dada ao *Diário de Minas*, em 24-04-1924, quando a comitiva modernista voltava desse périplo de observação das cidades barrocas, durante a semana santa. O confronto entre tradição e ruptura, o resgate de peculiaridades artísticas do passado para estímulo da imaginação presente alimentou o empenho em registrar pesquisas e divulgá-las. Este é um ponto de cruzamento entre os acervos dos dois escritores, que inauguraram o CEDAE, alinhando a instituição da UNICAMP aos seus antecessores, na filiação ao trabalho preservacionista como contraponto indispensável à rebeldia inventiva.

E a rebeldia inventiva é a marca do titular de outro arquivo instigante do conjunto conservado no CEDAE – Flávio de Carvalho. Figura menos conhecida entre os integrantes do modernismo, esse artista múltiplo — engenheiro, arquiteto, artista plástico, cenógrafo, estudioso e designer da moda, insistente em pesquisas psicoantropológicas com métodos peculiares — ficou estranhamente eclipsado por seus contemporâneos, embora procurasse tornar-se notícia, frequentando com assiduidade as páginas dos jornais. Boa parte do material tratado pelos técnicos do centro de documentação é formado de recortes de periódicos, dos anos 1930 aos anos 1970, colados em álbuns ou apenas empilhados desordenadamente. Se Flávio equipara-se a Oswald pela radicalidade de seus experimentos e, em consequência, pela capacidade de provocar reações agressivas da sociedade conservadora, os respectivos acervos mostram certa displicência do segundo com o arquivamento de suas atividades e a atitude oposta do primeiro. Enquanto Maria Eugênia Boaventura dá conta das muitas instituições de pesquisa e redações de jornal que teve de consultar para reunir as entrevistas componentes de *Os dentes do dragão*, Marcelo Moreschi, estudioso do legado de Flávio de Carvalho, defende, em artigo para a *Revista Interfaces* (jul.-dez., 2012), que as práticas artísticas do mesmo acham-se necessariamente ligadas a sua mania de autodocumentação.

Diferentemente de arquivos cujo titular construiu uma carreira literária, o que encontramos entre os papéis de Flávio de Carvalho — multiartista e especulador das imbricações entre arte e ciência, visando interferir nos costumes da sociedade — são matérias jornalísticas que apresentam, em palavras e traços adequados ao leitor comum, suas propostas de modernização. Um de seus biógrafos, Rui Moreira Leite (2008), comenta projetos, inscritos em concursos, a exemplo do Palácio do Governo de São Paulo ou da Universidade de Minas Gerais, como forte reação ao conservadorismo das comissões julgadoras, com vistas não à aprovação, mas à divulgação em diversos órgãos de imprensa. Os projetos arquitetônicos publicavam-se sob o pseudônimo de Eficácia. Constam também da hemeroteca, adquirida pelo CEDAE, as notícias incisivas, de que fazem parte desenhos e fotografias, das “experiências” realizadas pelo pensador-artista tão peculiar. Diante da coleção desses registros, ele expunha as bases psicoetnográficas de sua inusitada atividade pública. Atualmente, essas atividades seriam definidas como performances — a *Experiência n° 2*, título do livro de 1931, narrativa da confrontação com a procissão de Corpus Christi onde quase foi linchado; “experiência n° 3”, correspondente à apresentação pública do “New Look”, traje de verão para homens, reunindo texto, fotos e até aparições na TV (1956); ainda uma possível “experiência n° 4”, que ficou incompleta, gravada em notícias, fotos e fragmentos de filme (*A deusa branca*, 1958), durante uma expedição à Amazônia, que foi acompanhada

por repórteres. A pesquisa ao arquivo de Flávio de Carvalho apresenta esses peculiares rascunhos multimídia da cultura brasileira na verve de modernização.

Hilda Hilst é outro nome de destaque na instituição. Não propriamente filiada a um movimento literário, é tratada por vezes em afinidade com a geração de 1945, que buscava uma renovação na linguagem para além dos temas políticos ou nacionais. O seu acervo foi vendido em vida em dois lotes — 1995 e 2003 — abarcando a produção intelectual da titular e a de terceiros (destacando-se aqui o material produzido por seu pai, Apolônio de Almeida Prado Hilst, inspiração para a atividade literária de Hilda). É possível encontrar, em meio aos papéis guardados, indícios da negociação com os dirigentes do CEDAE, incluindo alguns inventários manuscritos do que ela pretendia vender — com que visava atenuar a sua desgastada vida financeira — e até mesmo o esboço de uma carta para o reitor da Unicamp, em que Hilda se queixa do não avanço da transferência dos seus documentos para a instituição. O rascunho, escrito no verso de um papel laminado de cigarro, tem início assim: “Magnífico (dois pontos) eu vírgula com sessenta e cinco anos e por isso próxima da morte peço que a universidade decida se quer ou não comprar o meu acervo.” Além dos cadernos de trabalho em que exercita a linguagem e a problemática de seus livros futuros, há alguns temas frequentes que surgem nesse material. O problema financeiro aparece em diversas contas feitas à mão, indicando quase sempre a insuficiência de dinheiro, em ideias para sair da crise, como vê-se na anotação de um caderno: “Esperanças: 1) Bolsa Vitae/ 2) Aluguel terra/ 3) Lori Lamby”, e até mesmo no desenho de um boneco de palito indo para a forca com a legenda: “Ai, socorro, muito dinheiro no ar. Nada no bolso, nada nas mãos”. Os contatos com outros escritores é também uma presença importante no arquivo, como aparece na relação de livros a ler, na comparação que faz entre si e os seus pares, no costume de anotar dados biográficos sobre os seus autores de preferência, indicando marcos dessas vidas. Outra linha de força é a sua vida amorosa, que surge em cartas, em anotações não raro sofridas, em desenhos e nas datas especiais das agendas. Destaque para seus sonhos e o que podemos chamar de anotações místicas: sobre o período em que realizava a experiência de transcomunicação e em que aborda visões de discos voadores e o contato com guias espirituais. A partir de pesquisa nas matérias de jornal e revista guardadas neste acervo, o arquivista Cristiano Diniz — responsável pela organização, no CEDAE, dos arquivos de Hilda Hilst, Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho e Flávio de Carvalho — montou uma seleção com as melhores entrevistas na publicação *Fico besta quando me entendem*¹⁴, importante referência para pesquisadores e para o público em geral, encantado com a performance afiada de Hilda nesse gênero. Daniel Fuentes, herdeiro dos direitos autorais da escritora, conta que o acervo foi dividido em duas partes: uma foi para o CEDAE, na Unicamp, e outra ficou na Casa do Sol, que inclui a biblioteca e alguns documentos que a autora não quis vender, como as cartas trocadas com o escritor José Mora Fuentes, pai de Daniel e amigo íntimo de Hilda.

14 HILST, H. **Fico besta quando me entendem**. Org. Cristiano Diniz, São Paulo: Biblioteca Azul/Globo, 2013.

Outros destaques do CEDAE-IEL são a correspondência, os escritos, desenhos e aquarelas de Monteiro Lobato; os estudos de Paulo Duarte; o acervo do regionalista Bernardo Élis, do escritor e político Coelho Neto, do poeta Guilherme de Almeida, do escritor e tradutor Modesto Carone, do poeta Bruno Tolentino, do modernista Menotti Del Picchia, além de outros. Parte da coleção de documentos reunida pelo Projeto Cecília Meireles foi doada ao CEDAE em 1989 e parte em 2006. Além disso, a instituição foi-se definindo como um importante centro dedicado às diversas manifestações das línguas faladas no Brasil, contando com a coleção Línguas Indígenas e a coleção de Literatura de Cordel. Tem, hoje, sob sua custódia alguns importantes levantamentos fonográficos constituídos para fins de pesquisa no Brasil, merecendo destaque: os levantamentos efetuados no contexto do Projeto de Estudo da Norma Culta do Português Brasileiro, as gravações produzidas pelo Projeto de Aquisição da Linguagem Oral, as entrevistas realizadas com a comunidade negra do Cafundó, que conserva elementos da língua banto, e toda uma série de materiais que documentam línguas indígenas brasileiras extintas ou em vias de extinção.

Acervo de Escritores Mineiros (AEM – UFMG)

Em 1989 foi que a UFMG, através de sua Faculdade de Letras, iniciou-se no trabalho de recepção, tratamento técnico e conservação de arquivos literários. Num dos ensaios de seu livro *Arquivos literários*, Reinaldo Marques¹⁵ resgata o evento acadêmico — “Semana Henriqueta Lisboa” — e o expediente burocrático — criação do Centro de Estudos Literários (CEL) — que resultaram da recepção dos “fundos documentais da poeta”. A esses eventos de inauguração do Acervo de Escritores Mineiros (AEM) seguiram-se muitos outros com a aquisição de coleções e arquivos pessoais, como os de Murilo Rubião, Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Sábato Magaldi. Como o IEB, o AEM também guarda bibliotecas e obras de arte visual. Cabe destacar suas instalações, que atraem visitantes tanto quanto pesquisadores dos rascunhos da produção literária e cultural mineira. Nas palavras do Prof. Marques, “o espaço foi concebido numa perspectiva cenográfica e museológica”¹⁶, procurando reconstituir, mesmo que imaginariamente, o ambiente de trabalho de alguns dos escritores. São quatro ou cinco salas mobiliadas com peças e objetos doados pelos herdeiros que garantem um modo de sobrevivência, ao ofício de escrever, tal como se emblematicizou ao longo do século XX, entre estantes, quadros e máquina de escrever.

Mesmo especializando-se na literatura regional, o AEM também se estabelece através do vínculo com a atividade literária modernista. A FALE-UFMG assume a função de arconte sob os auspícios de uma poeta pertencente à segunda geração do movimento encabeçado por Mário de Andrade. Organizadora do volume da correspondência Henriqueta-Mário, que integra a coleção editada pelo IEB, a Prof^a Eneida Maria de Souza nos apresenta uma poeta que, durante os anos 1940, mantém intercâmbio criativo-crítico com Mário de Andrade, atribuindo alto valor às

15 MARQUES, R. *Arquivos literários; teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015, p. 151.

16 *Ibidem*, p. 166.

opiniões do mestre, mas reafirmando sua própria orientação estética, sem se deixar contaminar pelas sugestões do interlocutor. Num momento em que a ruptura vanguardista, operada pela Semana de 22, já está canonizada e serve de parâmetro crítico, Henriqueta aprimora, em diálogo epistolar, sua dicção de matriz simbolista¹⁷. Não se pode, no entanto, desconhecer sua adesão ao projeto de preservar os registros do processo criador na trilha de seus antecessores e contemporâneos, que aderiram à economia experimental da escrita.

No fim deste simulacro narrativo de visita guiada por quatro dos principais arquivos da literatura brasileira, formados graças à iniciativa dos artistas integrantes do modernismo, cabe enfatizar que, constituídos pelo empenho da geração inovadora, esses acervos da atividade literária no Brasil servem aos desdobramentos da pesquisa, em bases que se buscam tão críticas e atualizadas quanto possível, tendo em vista a organização técnico-institucional das universidades e centros de pesquisa, que os abrigam. Importante destacar que essas instituições públicas de conservação de acervos de escritores, apesar dos períodos de dificuldades práticas, com carência de pessoal qualificado ou baixos orçamentos, vêm mantendo seu trabalho com extrema competência e empenho, para garantir a continuidade da atividade indispensável dos pesquisadores. Cada vez mais consolida-se a importância do conhecimento dos prototextos e documentos sócio-biográficos para o avanço das atividades crítica e historiográfica, no campo dos estudos de literatura, arte e cultura em geral. Impensável, no presente, o avanço da teoria das linguagens artísticas sem o apoio da investigação dos arquivos dos produtores de pensamento através da linguagem artística.

Observa-se que o trabalho acadêmico com o legado da literatura e da arte, especialmente em suas formas de divulgação, mantém as características vanguardistas de diversidade, inconsistência, fragmentação, falta e acúmulo de traços ora repetitivos, ora contraditórios, formando conjunto quase-caótico que aponta para possibilidades amplas e instiga a imaginação. A arte crítico-renovadora compõe-se de ingredientes dessa ordem, tensiona forças distintas e joga com o choque das mesmas. Para garantir alguma coesão, assalta o passado e lança-se ao futuro experimentando empregos impensados dos fragmentos de que se apropria para constituir-se. Dos destroços extemporâneos produz-se o equilíbrio estético, atraente pela potência de sua própria fragilidade. Essa perspectiva de leitura permite entender por que a arte moderna se empenhou na preservação dos resíduos de sua luta por destruir para construir-se, por que a ruptura revolucionária arrasou os museus e arquivos para reerguê-los de portas escancaradas às performances das praças.

17 Cf. SOUZA, E. M. de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa**. São Paulo: Peirópolis; EdUSP, 2010.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, O. **Os dentes do dragão: entrevistas**. Org. Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

EULÁLIO, A. “Biografia discreta”. In: **Livro involuntário — literatura, história, matéria & memória**. Org. Carlos Eugênio Calil e Maria Eugênia Boaventura. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

HILST, H. **Fico besta quando me entendem**, org. Cristiano Diniz, São Paulo: Biblioteca Azul/Globo, 2013.

MARQUES, R. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MORESCHI, M. Autodocumentação, arquivo e experiência: o fundo Flávio de Carvalho/Cedae. **Revista Interfaces**, n. 17, v.2, julho-dezembro 2021.

NAVA, P. **Beira-mar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SOUZA, E. M. de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa**. São Paulo: Peirópolis; EdUSP, 2010.

SÜSSEKIND, F. A página do lado. In: _____. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

USP. IEB. **ABC do IEB: guia geral do acervo**. Org. Marta Rossetti Batista. São Paulo: Ed. USP, 1997.

VASCONCELLOS, E. Patrimônio literário: formação, preservação e pesquisa. In: VASCONCELLOS, E. & SANTOS, M. dos (org.). **Arquivo, manuscrito e pesquisa**. Rio de Janeiro: Fundação-Casa de Rui Barbosa, 2014.

Sites visitados:

Centro de Documentação Alexandre Eulálio: <https://cedae.iel.unicamp.br/> (Acesso em 21/10/2022).

Instituto de Estudos Brasileiros: <https://www.ieb.usp.br/> (Acesso em 21/10/2022).

Acervo de Escritores Mineiros: <http://sites.letras.ufmg.br/aem> (Acesso em 21/10/2022).